

Anistiado político: MICHEÁS GOMES DE ALMEIDA (ZEZINHO DO ARAGUAIA)

Data de nascimento: 30/01/1938

Sou Miquéias Gomes de Almeida, nascido em 1938 às margens do rio Caeté. Filho de Elias Gomes de Almeida, natural da Paraíba, criado entre o Rio Grande do Norte e Paraíba, veio para o Pará na época da borracha. Minha mãe, Maria Moreira de Almeida, descendente de índios, teve seis filhos, três ainda vivos hoje.

Meu pai foi casado por três vezes. Sua primeira esposa chamava-se Minervina e tiveram juntos doze filhos. Minha mãe faleceu e ele se casou com Junia Matos de Almeida, descendente de portugueses. Casaram-se na Ilha do Marajó e tiveram sete filhos. Meu pai hoje é falecido. Toda minha vivência foi influenciada pelo meu pai e pela minha mãe.

Meu pai era aquele que desde 1922 nos passava como era ser brasileiro. Na Segunda Guerra Mundial, eu ainda pequeno com três ou quatro anos de idade assistia em seu colo a ida dos soldados paraenses para a guerra. Eu olhando uma prancha de madeira no convés do navio e eles caminhando em cima com bandeiras brasileiras - o Cisne Branco tocando, mulheres chorando se despedindo dos soldados que iam viajar. Tocando o hino nacional e todas aquelas marchas militares. Aquela cena é algo que até hoje está impregnada na minha alma.

Aquilo era o meu pai. Meu pai era aquele brasileiro que teve 29 dias de aula, mas não deixava de ouvir Rádio Nacional. Não deixava de ouvir a Rádio Jornal do Comércio. Estava sempre informado.

Meu pai era um verdadeiro brasileiro. Uma das coisas também que ele não deixava de fazer era todo 1º de maio enfeitar de flores e coisas bonitas as janelas, as portas lá na roça. As casas de todos os amigos do meu pai também eram enfeitadas. Ele dizia que aquilo era uma homenagem àqueles que faziam as nossas ferramentas de trabalho na roça, os operários.

Fui criado dentro dessa integração operário-camponeses. Meu pai não era de partido, mas tinha uma visão diferente, meu pai era um tipo de homem que não se prendia a pequenos obstáculos.

Quando minha mãe faleceu, eu ainda não tinha sete anos. Ela veio a falecer em Belém e seis meses depois meu pai casou-se com a Junia, em Soure na Ilha do Marajó. Começou outra difícil luta. Ela não era fácil. Foi muito difícil, e eu tive que sair de casa com nove, ou dez anos de idade.

Eu começava a estudar e parava porque tinha que trabalhar. Quando já tinha uns dezessete, dezoito anos fui para Macapá. Em Macapá entrei na ICOMI, uma mineradora americana. Quando entrei nessa mineradora os maquinistas, o pessoal que trabalhava de guarda-freio na estrada de ferro, eram todos vindos da Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Após uma reunião, o Zé Antônio que era um maquinista começou a contar histórias de Goiás. Ele dizia

que teve a honra de conhecer dois goianos de uma República Camponesa que tinha aqui em Goiás. Dizia ainda que eles tinham forças armadas para sustentar o poder político. Ele falava aquilo com uma empolgação muito grande e contava aquilo com detalhes. Eu me empolguei e perguntei a ele onde ficava. Ele respondeu que ficava em Goiás e eu falei que não sabia nem onde ficava Goiás, muito menos essa República. Disse a ele: Eu vou lá e se tiver condição venho aqui para te informar como é essa República.

Com a pretensão da mudança da capital, vim para a construção de Brasília. Em final de 1957 para 1958 resolvi vir para Goiânia. Em Goiânia, a primeira coisa que fiz ali em Campinas foi montar um barzinho naquela descida para o DERGO. Ali havia um comércio bom, mas foi a pior “viagem” que já fiz. Hoje não fico em um bar de jeito nenhum por causa do trauma que criei. Foram seis meses tomando conta de bêbado. Vendi o bar e montei uma oficina de móveis e decoração na Rua P16, no Setor dos Funcionários. Ali conheci o Divino Ferreira de Souza, fizemos o Movimento Estudantil na UGES. Eu tinha sua mãe, Dona Santinha, como minha mãe e Teresinha Amorim, como vocês a conhecem, como minha irmã.

MILITÂNCIA

Eu participava da JOC – Juventude Operária Católica quando estava em Macapá. Já em Brasília deixei de militar na JOC e passei a militar no “Grupo dos Onze” do Brizola. Quando cheguei a Goiânia, comecei a manter contato com o Divino. Nós passamos a estudar e a participar da UGES. Os três amigos no movimento estudantil eram o Divino, o Daniel Ângelo e eu. Sempre estávamos juntos, e naquelas coisas mais intrincadas na UGES nós éramos as “buchas de canhão”. Em uma greve, por exemplo, quando tinha muita policia e não dava para fazer alguma coisa, nós éramos chamados. Nós dávamos o nosso jeito e fechávamos as escolas. Quando não tínhamos nenhuma outra alternativa, desligávamos o transformador.

Também vale ressaltar que o maior movimento estudantil brasileiro na década de 60 aconteceu no estado de Goiás. O estado de Goiás tinha um movimento tão grande que a influência ao Aragão parte do estado de Goiás. O Movimento Camponês do Aragão saiu daqui. Eu lembro bem que o Tarzan era o homem que saía daqui e ia pra lá, para se reunir com o Aragão e a Frente. Eu tinha contato com a mãe do Tarzan e não tinha contato com o próprio o Tarzan.

Uma luta que não é falada é a de Niquelândia. Quando começou a extração do níquel de Niquelândia, nós da UGES nos levantamos aqui apoiando o governo de Goiás a extrair e explorar o níquel de Niquelândia. Estávamos contra o Grupo Votorantin e não foi fácil, ficamos sós na luta. Inclusive o Élio estava na nossa luta pelo níquel de Niquelândia.

Era um movimento muito forte. A luta por meia passagem, a luta pela Casa do Estudante. O pessoal da UGES conseguiu a casa no Lago das Rosas, onde hoje funciona o Zoológico. Ali tinha um antigo cassino. Nós o reivindicamos e se tornou a sede da UGES. Tinha restaurante, alojamentos, tinha também um teatro muito bom. Essas vitórias foram alcançadas pelos estudantes daqui.

Estávamos estudando e fazendo o movimento quando veio uma campanha para angariar medicamentos, roupas, calçados para serem levados aos camponeses. Era esse trabalho que a UGES exercia. Aqueles que se destacassem nessa campanha iriam, como prêmio, levar os produtos arrecadados aos camponeses. Nós conseguimos arrecadar medicamentos com os médicos daqui de Anápolis e foi coisa inimaginável. Conseguimos nos destacar e fomos levar as arrecadações.

Quando chegamos a Santa Tereza fomos recebidos por uns meninos com animais. Colocamos o que havíamos levado nos animais fomos para a casa da Dirce, que era esposa do Zé Ribeiro. Depois alguns homens nos levaram para a casa do Zé Ribeiro, que ficava longe da Dirce, e de lá nos levaram até onde estava o José Porfírio. Tinha todo um esquema de segurança. Quando chegamos lá ele estava deitado em uma rede com os dois pés trançados por debaixo dela. Tiramos as roupas, os remédios, os calçados e os entregamos. Quando abracei aquele cidadão senti a maior emoção até hoje vivida por mim. A maior emoção da minha vida foi abraçar Zé Porfírio ali, não há nada que se possa comparar.

Já o convidamos a ser o primeiro camponês deputado da história de Goiás. Ele muito manso respondeu nos perguntando se achávamos que ele tinha chances. Divino respondeu: se você não tem chances nenhum outro brasileiro tem chances nem de ser vereador. Ele disse que se fosse daquele jeito ele aceitaria. Saímos de lá, viemos para Goiânia, entramos em contato com o Arroyo e outras pessoas do PCB e fomos conversar com Mauro Borges que iria se candidatar a governador. Mauro Borges nos ouviu sem dar uma palavra. Quando terminamos de falar, ele riu e disse que não só faria a dobradinha com o Zé Porfírio como seria o primeiro governador a titular terra de posseiros em Goiás, e foi.

Mauro Borges abriu um canal com os estudantes, estudantes não marcavam audiência para conversar com ele. Íamos, comunicávamos que estávamos lá, informávamos o assunto e se ele estivesse despachando, podia estar lá quem estivesse, os próximos a entrar seríamos nós, os estudantes. Elegemos Mauro Borges e Zé Porfírio.

Quando saí do Grupo dos Onze do Brizola, em 1962, passei a militar no PCdoB. Quem foram as pessoas no PCdoB que conheci em 1960, antes da reorganização? Nós tínhamos reunião com o Amazonas, com o Pedro Pomar, com a Elza Monnerat, que chamávamos de Tia Maria, com Ângelo Arroyo. Naquela época, antes do golpe militar, o Ângelo Arroyo nos perguntava qual seria o lugar mais seguro para voltarmos a organizar a República Camponesa, e nós sugerimos o norte de Goiás. Por que mais para o norte? Porque ali ficavam o Maranhão e o

Pará. E se fôssemos um pouco mais para cima teríamos o Mato Grosso. Se continuássemos no centro como estávamos, ficaríamos mais vulneráveis, não tínhamos para onde “pular”.

Nós reorganizamos o partido em 1962. Antes não éramos do PCdoB, cada um estava em sua organização. Quando se reorganiza o PCdoB, fomos para o PCdoB. Tínhamos aquela visão de que nós nos preparávamos para a luta armada para ajudar José Porfírio. Não tínhamos a intenção de ir para a Guerrilha do Araguaia. Se a coisa apertasse ali, levávamos o José Porfírio para o outro lado. Essa era um pouco da nossa visão naquela época.

Assim que os militares começaram a se organizar no poder, Arroyo começou a nos orientar para que começássemos a nadar, para que fizéssemos treinamentos de sobrevivência na mata. E nós estudantes fazíamos isso. Em 1960 ele dizia, avizinha-se um golpe militar. Quando eu contava a eles as histórias dos tenentes que meu pai nos passava, o Arroyo confirmava que realmente eles haviam se dividido. Até antes da Marcha do Prestes, 1924, eles estavam juntos, mas na derrubada de Washington Luiz, quando assume Getúlio Vargas, eles se dividiram ficando uma parte do lado do Getúlio, e a outra parte apoiando os americanos. Dali para frente tínhamos a visão de um golpe, que se confirmou em 1964. Víamos também outra situação, a derrubada de Mauro Borges. Quando estávamos nesse “vai, mas não vai”, o Arroyo nos orientou a fazer um levantamento nos quartéis para preparar o povo para o apoio a Mauro Borges.

O GOLPE

Veio o ano de 1964 e nós, dentro da oficina, idealizamos a tomada de quatro quartéis do Exército. Queríamos conseguir armas e munições para preparar o povo para defender o Mauro Borges, que eles iriam derrubar de qualquer maneira. Quando estávamos esquematizando, o Ângelo Arroyo teve que sair e quem ficou em seu lugar foi o Luiz Vergatti. Tivemos que mudar todo o projeto, o projeto foi virado de ponta a cabeça.

Já estava na hora de tirar as armas do Tiro de Guerra de Anápolis, que era o mais fraco. Iríamos cair todos se fizéssemos ou se não fizéssemos. Decidimos, então, cair fazendo. Marcamos todo esquema direitinho, isso tudo na minha fabriquinha de móveis - tudo foi idealizado ali. Ninguém entrava em contato entre si para que as informações não vazassem.

Foi feito assalto ao Tiro de Guerra de Anápolis. Tinha um fusquinha e nele foram o Brício, o filho dele, o compadre do Daniel, o Daniel e o Neso Natal. Esses foram os companheiros que foram para a ação. Fiquei chateado por não ter participado. Eles foram, pegaram o outro carro, entraram no quartel. O vigia suspendeu a cancela para que eles passassem. Tiraram todas as armas e munições e levaram para a casa do Brício. Eles só sentiram falta desse armamento uns quatro dias depois, e foi um Deus nos acuda, caiu todo o comando do Centro Oeste. Como iríamos fazer? Levaram as nossas armas e o pessoal estava preso. Descobrimos que estavam presos no 10ºBC e fomos atrás de um advogado. O advogado era um baiano, agora

não me lembro do nome, que entrou com um habeas-corpus e antes do habeas-corpus com uma ação de visita. A prisão era incomunicável e ele entrou com uma ação de visita, é mole? A primeira visita foi do pai do Daniel, que quando chegou lá recebeu chutes, o derrubaram de frente para a cela, foi uma situação terrível. Quando o pai do Daniel voltou, conversamos com ele e decidimos que teria que ir um de nossos companheiros até lá, o menos “queimado” que no caso seria eu. Eu fui com a mãe do Daniel, entrei e conversei com os companheiros, peguei o bilhete de cada um.

Eu era conhecido por Michel, mas meu nome era Miquéias; e graças a eles que não me chamarem pelo nome, eu não me queimei. Mas a partir do momento em que fui lá, não tive condições nem de permanecer no Brasil. Foi quando eu e o Divino saímos de Goiás. Com o golpe militar não podíamos mais atuar no movimento estudantil com a mesma liberdade. A tábua de salvação era apoiarmos o Mauro Borges, não tínhamos outro caminho. Não deu.

Os companheiros foram presos, e nós não tínhamos como ficar. Em 1964, uma turma foi para a China. Nessa turma me parece que foram o Élio Cabral, o Gerson Parreira e o Tarzan de Castro. Quando houve essa situação do Tiro de Guerra, nós fomos a outra turma que foi parar na China.

CHINA

Devido ao cerco formado na fronteira da China, fomos obrigados a permanecer lá por um ano e meio porque não tínhamos como sair se saíssemos éramos presos. No Paquistão e na Índia ficou tudo tomado. Nós fazíamos curso político e curso militar. Uma das coisas que aconteceram quando estávamos na China, foi a eclosão da revolução cultural. A revolução cultural eclodiu quando estávamos chegando lá.

Uma das coisas que tenho nos meus ombros como uma grande responsabilidade é que quando o avião chegou a Pequim estavam lá para nos receber o Zhou Enlai, Lin Biao e outros ministros. Até comentei com os companheiros sobre a responsabilidade que os chineses estavam jogando em nossas costas. Estavam nos recebendo com honras de estadistas. Aquilo para alguns companheiros foi apenas um gesto a mais, mas pra mim foi uma responsabilidade que foi jogada em nossos ombros. Lá tivemos contatos com vários tipos de armas; como montar, como desmontar, como fabricar munição, como colocar e detectar minas.

Nesse tempo percorremos vários lugares na China. Estivemos em Shanghai, Wuhan, Harbin, nordeste da China. Estivemos na divisa da China com a União Soviética, e também no Tibet. Quando a fronteira nos deu uma “colher de chá”, nós saímos e voltamos para o Brasil.

Não tivemos mais condições de ficar aqui em Goiás, pois todos éramos procurados. Fomos para o Maranhão e fizemos o levantamento das matas existentes. Na China fomos aprender como o povo chinês havia enfrentado a reação, quais as táticas usadas, as dificuldades que tiveram e as dificuldades que teríamos aqui. Isso nos dava certo ensinamento teórico. Agora a prática aqui era só nossa, não havia nenhum país com experiência de movimento camponês como o de Goiás, éramos só nós aqui no Brasil. Levamos aquela experiência para o Maranhão, aquela amizade que José Porfírio havia desenvolvido no norte de Goiás, que o Pai Chico havia desenvolvido antes dele - foi aquele ensinamento que levamos para o Bico do Papagaio.

GUERRILHA

Em 1970, nós assistimos uma manobra militar anti-guerrilha. Nós estávamos em Imperatriz e íamos atravessar para Goiás. Em 1971, começaram a colocar em Porto Franco cartazes com as nossas fotos dizendo que éramos terroristas e procurados, pedindo informações para quem soubesse de nosso paradeiro. Nosso médico, João Carlos Raes, do Rio Grande do Sul, transformou sua casa em um hospital. O povo, em 1971, não queria que ele saísse de lá, mas ele não podia ficar. Ele juntamente com um grande grupo, era nosso médico na guerrilha. No Maranhão cumprimos nossa missão de contato com o povo. O povo pôde nos conhecer e constatar que éramos iguais a eles e que éramos irmãos do mesmo jeito.

Quando chegamos novamente ao norte de Goiás, fomos obrigados a ir para o sul do Pará, porque estavam chegando perto de nós. Pegaram um pessoal da ALN no Maranhão, próximos de nós; pegaram também outros do MR-8. Esses companheiros chegavam na cidade abriam supermercados, chamavam a atenção, e os “caras” e os pegavam. Nós lidávamos era com a roça, isso foi o que nos deu condições de chegar até o sul do Pará. Lá, concluímos que naquele momento eles iriam nos pegar mesmo. Nossa intenção era por a roça e ficar. Já tínhamos companheiros com criação de gado; outros tinham castanhais; outros com atividades de comércio, tanto no rio quanto em terra. Quando chega 1971 já não dava mais para tocar a roça, teríamos que encontrar suplementos para a guerra, não havia outro caminho. Não dava mais para tocar a roça, agora teríamos que conseguir suplementos como remédios, alimentos, roupas, calçados, armas, munições, e ir embora para dentro da mata.

Eu ainda saí com o Osvaldo, o Osvaldão, para fazermos uma retirada estratégica, que era sair do Bico do Papagaio para o Xingu. Fomos até o Xingu e quando voltamos não tivemos mais condições de levar outros companheiros. Para uma rota daquela, teríamos que conseguir suplementos ao longo dela.

Em 1972, fomos atacados. Não conseguimos mais nada, não tínhamos armas, a munição era pouca. O que fazer? Tínhamos que enfrentar com o que possuíamos. Lembro-me do primeiro

ataque do Exército no destacamento “A”. Nós tínhamos ido até lá levar um remédio. Quando estávamos voltando, eles haviam montado uma emboscada. Eram muitos soldados Uma parte do lado de baixo, e a outra parte do lado de cima do caminho. Como tínhamos noção de que não podíamos passar em lugares vulneráveis, viemos por cima, devagar, observando e vimos a movimentação de colunas camufladas. Saímos deles e resolvemos dar dois tiros. Demos os dois tiros e deixamos que se matassem. Mataram quase todos uns aos outros, e nós saímos fora, pois nossa arma era espingarda que dava um tiro só - dávamos um tiro e corríamos.

O que o Exército começou a fazer? O Exército passou a matar os próprios soldados, e a dizer que nós é que estávamos matando. Mataram um soldado de madrugada nos Perdidos, o penduraram em um fio de telefone e disseram que fomos nós. Mataram o cabo Rosa e disseram que foi o Osvaldão; outra hora disseram que foi a Dina, cada hora inventavam que havia sido um diferente, mas havia sido eles mesmos... Era tudo pra dizer que éramos terríveis. Era uma situação meio maluca.

Na Guerrilha eu era apenas o Zezinho, eu não era o Zezinho do Araguaia. E por que Zezinho do Araguaia? Porque na região existiam muitos outros Zezinhos, e todos os Zezinhos que o Exército pegou, eles mataram pensando que um daqueles seria eu. Meu nome é Miqueias, mas aqui eu era Michel. Quando cheguei ao Maranhão eu tinha outro nome que nem me lembro. Cheguei a usar mais de oitenta nomes. Quando passávamos em um lugar todos nós mudávamos o nome, porque eles vinham no nosso rastro e quando chegava aqui, já havia acabado. Quando conseguiam descobrir o novo nome que estávamos usando, já estávamos muito longe.

Em todo lugar que passávamos fazíamos da mesma maneira que era feito por Pai Chico e Zé Porfírio, de amizade, de trabalho, de convivência e de conagraçamento. Aquilo que aprendemos com eles aqui era o que usávamos lá. Comparo a guerrilha ao ressarcimento do Estado ao oprimido. Fomos nós os oprimidos pelo Estado e hoje apelidam de indenização. Guerrilheiros foi um termo pejorativo com o qual o Estado passou a nos tratar. Por quê? Porque um grupo com sessenta e oito malucos enfrentou o Estado Brasileiro.

Os termos usados eram: terroristas, malfeitores, assaltantes de bancos. Não tínhamos no grupo da Guerrilha do Araguaia nenhum membro que tivesse participado de assalto a banco; e outra coisa, aquele período de assalto a bancos foi um período obrigatório porque os companheiros que não puderam sair como nós saímos, tinham que enfrentar a reação de qualquer maneira, não tinham outra saída. Ou se armavam e se organizavam para tomar o dinheiro para se manterem, ou não tinham outra solução. O movimento armado na cidade foi obrigado pelos militares. Foi a própria situação que levou os companheiros a isso.

Quando o Carlos de Meira Matos entrou e derrubou o Mauro Borges - eu inclusive assisti o trator derrubar a Casa dos Estudantes no Lago das Rosas - nós não tínhamos armas para lutar, a solução foi ir para o campo. Fomos para o campo porque a situação nos obrigou. Tínhamos certeza de que quando a situação “apertasse”, teríamos que ir para algum lugar. Já tínhamos previsto isso antes; se não desse, ficaríamos na cidade. Já os outros companheiros não tinham

a mesma visão, e achavam que se ficassem aqui na cidade iam chegar a uma saída para a situação, o que não aconteceu.

Quando os outros companheiros também foram para o campo, foram pegos porque já eram conhecidos. Quantos companheiros estão desaparecidos no norte de Goiás? Companheiros da luta armada da cidade... São muitos os companheiros que quando tentaram ir não conseguiram. Nós conseguimos porque levamos as experiências daqui de Goiás. Foi por isso que sobrevivemos durante três anos; por isso, que ainda existem onze sobreviventes até hoje. Quando dizem que em 1975 acabou a luta da Guerrilha do Araguaia, é mentira! Não acabou. Em 1976, João de Deus liderou os camponeses no Igarapé dos Perdidos, dos posseiros de lá, quando o Exército foi para fazer o desalojamento e entregar para as firmas. Os companheiros travaram uma luta; muitos foram presos, mas também vários militares foram mortos. Em 1981 aconteceu a Batalha do Cajueiro: dois padres e treze posseiros se levantaram. Foi outro ataque em que os militares ficaram tontos. Logo em seguida aconteceu aquele fato em Eldorado dos Carajás. Até hoje a luta continua.

Em 1975 deixamos a área com o Arroyo e fomos para São Paulo. O primeiro ponto foi com a Elza Monnerat; o segundo e terceiro pontos com o Pomar. Fiquei com o quarto ponto para fazer contato com uma pessoa desconhecida. Eu estaria usando roupa de certa cor, levando uma revista em baixo do braço, em uma esquina, e a pessoa viria vestida da forma combinada. Deram-me uma senha para eu falar quando visse a pessoa, e ela me responderia com outra senha. Daí passaríamos a entabular a conversa. No ponto que era para acontecer o encontro havia um açougue na esquina e parou um caminhão para pegar ossos. Vinha um carro em alta velocidade e quando virou a rua entrou embaixo do caminhão e ficou sem capota. Só estava o motorista que se agachou e não sofreu nenhum arranhão. Naquele tumulto apareceu a polícia, e o cara do encontro até hoje não sei quem é.

Fiquei sem contato com o partido, e toda a história que falo hoje aqui foi se apagando da minha mente. Não sei explicar esse esquecimento, foi como se eu tivesse dormido e minha vida tivesse começado a partir da hora em que acordei. Só fiquei sabendo da morte do Arroyo, juntamente com o Pomar e outros companheiros, na Lapa, em 1996, quando o pessoal do partido me informou. Eu estava em São Paulo e a Erundina era vereadora na época, fazia ocupações, eram os Sem Tetos. Volta e meia eu estava com a Erundina e seu pessoal.

Eu estava sem documentos e trabalhava de servente de pedreiro. Eu ganhava R\$ 0,40 (quarenta centavos), era quanto custava um pão bengala. Eu cortava as duas pontas, comia uma ponta com água pela manhã - pois o dinheiro não dava para tomar um café - a outra com água era o meu almoço; e o meio, que era macio, era meu jantar. Isso aconteceu até que eu descobrisse uma maneira para me alimentar melhor. Qual maneira? Sábado à tarde eu não trabalhava na obra, eu ia até as casas e observava aquelas que o jardim estava cheio de mato, que seus donos eram velhinhos, batia palma e perguntava se me permitiam limpar o jardim. Quando diziam que não tinham dinheiro, eu dizia que não iriam pagar nada; mas ali eu já tinha o café e o almoço. Eu não ficava à toa por medo da polícia, se ficasse à toa a polícia podia me pegar. Quando estava trabalhando ninguém iria me importunar.

Do meio para o fim, quando chegavam os netos e os filhos dos donos da casa e se deparavam com o jardim limpinho e plantado de novo, eles queriam me conhecer e iam à obra atrás de mim. Iam e me davam cinquenta reais; outro me dava dez; outro vinte, e assim acabava ganhando mais que trabalhando na obra.

Como servente eu iria morrer de fome. Então, peguei um pedaço de revista com um anúncio do Instituto Universal Brasileiro, preenchi o formulário, fui à Rua dos Timbiras e me inscrevi para o curso de eletricidade predial. A atendente disse que era um valor tal por mês, mas como eu já tinha o dinheiro paguei de uma vez, trouxe um monte de apostilas e depois fiz a prova. Encontrei essa que hoje é minha esposa, e, em 1980, ela me convenceu a tirar a certidão de idade. Fui à Vila Mariana, onde eu morava, e junto a um sargento bombeiro que foi minha testemunha, tirei a certidão com o nome de Antônio Pereira de Oliveira, nome que constava em uma carteira profissional que achei no chão, de um cidadão que era nascido em 1942. Eu tirei a fotografia dele e coloquei a minha. Usava a carteira dele, pois se a polícia me pegasse eu teria aquele documento para apresentar.

Fui participar de um encontro de casais com Cristo, da Igreja Católica, o padre foi informado que eu era especialista em retirada de mau contato, curto circuito. Fui fazer um trabalho pra ele e findou ele me batizando na igreja, e o dono do cartório, que também estava no encontro de casais, fez meu casamento. Toda a situação foi levada sem pretensão.

Ainda em São Paulo, em meio a isso tudo, desenvolvi uma campanha de educação no trânsito que era a seguinte: transformar a criança aluna em educador de adulto. Com um Código de Trânsito antigo, discutia aos domingos no Ibirapuera com Scaringella, Hanashiro e Maria Helena, as três autoridades, o novo Código de Trânsito - esse que está aí. Eu tinha clientes na universidade, que me levavam até lá para discutirmos exatamente esse assunto: o Código de Trânsito.

Em 1996, quando cheguei em casa a televisão estava ligada e apareceram duas mulheres. Sabia que as conhecia, mas não me lembrava de onde e quem eram. Fiquei enlouquecido com aquilo. No dia seguinte fui até a Rua das Palmeiras, onde ficava a TV Globo, pedir para que eles reprisassem aquela notícia, pois eu havia assistido apenas um pedaço. A reportagem era do Amaury Junior fazendo uma entrevista no Araguaia, e eu via a árvore que eu havia passado com a Alice, a Crimélia, passei ali e o Exército passou em cima. Eu me lembrava da árvore, mas não me lembrava de mais detalhes. Eu conhecia as duas mulheres, conhecia o local onde elas estavam; era o local que passei retirando a Crimélia, quando ficou grávida, e aquilo me deixava perturbado.

Voltei para casa, pois não tive condições para trabalhar. Quando cheguei em casa, o telefone tocou e era um cidadão me convidando para um debate com a Vereadora Tereza Lajolo sobre reforma agrária. Fiz todo um esquema e pensei que aquela mulher poderia me levar àquelas outras duas, já saí de casa com esse pensamento. Quando terminou o debate, pedi para que me apresentassem à vereadora, ela era Secretária de Transportes da Erundina. Comecei a

conversar e perguntei se ela havia assistido a reportagem, ela me disse que havia assistido e que era sobre a Guerrilha do Araguaia. Lembro-me bem que houve um momento em que ela pegou nos meus dois braços e disse: “Desembucha, desembucha”. Ela queria que eu desse respostas a coisas que eu não lembrava, que eu não sabia. Ela disse que iria falar com a Crimélia. Eu tirei a Alice, e ela me vem me falar de Crimélia. Eu não me lembrava nem do nome de Alice. A que eu retirei de lá, a Alice, era magrinha e fumava demais. Quando vi pela televisão, do rosto para cima era a Alice que eu retirei, mas do rosto para baixo era uma mulher bem mais gorda, não parecia ser a mesma. Findou a vereadora dizendo que diria a ela que havia encontrado o seu Antônio electricista. Falei que ela não iria me conhecer por esse nome. Ela sabia que a Crimélia havia tido um filho com o Graboi, inclusive era o filho que ela estava esperando quando a retirei. Aí me lembrei de um jogo de futebol na universidade em que eu dei um drible em quatro chineses que ficaram sentados e me apelidaram de “Zé Minhoca.” Pedi a Tereza que perguntasse à Crimélia se o nome Zé Minhoca a fazia lembrar alguma coisa. De madrugada ela me ligou e disse: “Seu descarado, você quase fez com que a Crimélia me matasse, se eu estivesse junto dela, e não pelo telefone, ela havia me matado”. Mas acabou me dando o número do telefone da Crimélia. A Crimélia me ligou, conversamos, marcamos um almoço para o dia seguinte e no dia seguinte estávamos almoçando juntos. Uma situação inexplicável.

Os restos mortais de Maria Lucia Petit, a primeira assassinada na Guerrilha, estavam chegando naquela noite. Quando cheguei à Câmara Municipal, encontrei todos os familiares dos companheiros. Encontrei o Genuíno e minha primeira reação foi perguntá-lo: E a baixinha? Ele respondeu que a baixinha era esposa dele, que eles haviam tido três filhos. Para ter contato com o PCdoB novamente, tive que vir aqui e ficar na casa da Terezinha, irmã do Divino. Quando eu estava aqui, veio da França o Giovane Felipe. Sua tese era sobre a Guerrilha do Araguaia. Eram três anos e ele só tinha dois anos comprovados. Quando soube que eu estava vivo, ele veio de lá e nós nos encontramos na entrada do edifício onde morava a Terezinha.

Em 1996, me despertei para uma realidade passada, voltei a encontrar meus companheiros. Encontrei Daniel Ângelo, Gerson Parreira, Terezinha e Luiz Antero que fizeram o movimento estudantil junto comigo. Comecei a reviver o meu passado, e a partir dali é que fui me lembrando dos acontecimentos. A Terezinha tinha um cuidado muito grande comigo.

Euler Belém e Romualdo Pessoa Campos Filho fizeram a minha primeira entrevista. Quando terminou, Euler me pegou pelo braço dizendo que eu havia descongelado naquele momento. Aquela entrevista foi como se eu tivesse saído da Guerrilha naquele instante, pois eu não tinha contato com nenhum livro e nada sobre a Guerrilha. Aquela entrevista foi uma coisa muito fiel, e Giovane Felipe levou aquela entrevista para a França, para o doutorado dele.

Quando estava aqui, me encontrei com a Marina, irmã do Euler Ivo, e com o Daniel Ângelo, que estava com os braços “estourados” fazendo hemodiálise. Eu consegui recursos para levá-lo até São Paulo para fazer o transplante - até então eu não tinha contato com ninguém. O

prefeito Nion Albernaz foi quem destinou um projeto de R\$150.000,00 (cento e cinquenta mil reais) para que ele pudesse realizar o transplante, que foi feito. Quando descansamos carregamos pedra, vim para Goiânia para reviver meu passado, já peguei o companheiro e levei para São Paulo para que fosse transplantado.

LEI DA ANISTIA

Fui eu quem fez o documento de anistia do Baiano. Em 2003, porque já existia a Lei 10.559; antes só existia a Medida Provisória 2151. Quando saiu aquela Medida Provisória, ainda era governo do Fernando Henrique, fui até o Ministério da Justiça parabenizar pela elaboração daquela medida, que o Greenhalgh discutiu e a transformou na Lei 10.559. Com a Lei 10.559, conseguimos com que a Neuza, a primeira mulher da área da Guerrilha, o Baiano, e a Dirce fossem anistiados. O advogado do Baiano estava lá, e quando ele foi anistiado, foi até ele, fez com que ele assinasse uma procuração e cobrou 10% dele.

Hoje eu luto pelos meus amigos que estão em fase terminal, que tem mais de 70 anos, que sofreram e que estão sendo ressarcidos pelo Estado. Minha luta primeiramente é pela busca de uma fonte de recursos, porque nossa fonte de recursos atual não é uma rubrica, não é garantida, a qualquer momento podem dizer que não tem mais dinheiro e que não mais irão pagar. Minha luta tem alguns pontos: Um é a Anistia; o outro é fazer com que se desenvolvam pequenos e médios municípios brasileiros, principalmente os da Bacia do Araguaia, do Tocantins e do Amazonas, que estão abandonados por falta de conhecimento.

O Capital é tão sanguinário que o Estado leva o desenvolvimento por um preço tão alto, que os pequenos municípios não têm condições de se desenvolverem pelo custo. Aquele que sai do seu município vem para uma cidade grande e se forma, se forma dentro de uma realidade que não é a dele, o que faz com que fique sem se desenvolver.

O Memorial do Araguaia pelo qual estamos lutando, busca primeiro o desenvolvimento para que ali seja um centro catalisador de conhecimento. Segundo, o Governo Brasileiro é considerado como um monstro por não obedecer aos direitos humanos - lutamos hoje para que o Estado Brasileiro possa ressarcir esse dano causado no passado, e mostrar que o Brasil e os brasileiros não são esses monstros. Aqueles monstros do passado já estão quase todos em fase terminal. Algumas raízes que ainda existem estão nos três poderes, e apenas com conhecimento poderemos extirpá-las. Eu com 74 anos, sem recursos financeiros para continuar dando seguimento.

Sou do Partido Comunista do Brasil desde 1962. Esse partido ainda é muito pequeno, embora tenha uma grande inserção no governo, se comparado a seu tamanho. Mas isso não é o suficiente para a mudança desse status quo.

Os partidos não tem o apoio do povo. Existe um cidadão, o Lula, que foi um líder que surgiu no meio de uma fervura, de um caldeirão que estava fervendo e ainda continua sua liderança até hoje. Gostaria de saber quem está sendo preparado hoje, com fibra, capaz de continuar essa luta. Quem irá me substituir, quem irá substituir o Élio?

A minha luta é exatamente para que surja um que continue a luta, e isso é o mais difícil. A minha preocupação dentro do meu partido é que tenha uma pessoa com consciência que ele está naquele posto que é um degrau, mas o outro degrau já deve ser preparado para ser assumido, para que possa galgar o outro. No entanto, as pessoas são vaidosas, quando chegam a um degrau, já acham que são os donos da escada. Não preparam o outro degrau e impedem que outro assuma o lugar dele, e ele o lugar da frente. Alguns chegam a querer assumir em suas mãos vários cargos.

A juventude hoje é tida como apática; é tida como alheia e alienada, mas eu acho que não. Acho que para fechar isso seria importante mostrarmos que a juventude nunca foi alienada, mas que quiseram aliená-la, isso sim. Tenho me emocionado muito quando chego nesses ministérios e encontro grupo de moças e rapazes ganhando um salário que não condiz com a responsabilidade que eles têm nas mãos, e que desenvolvem suas atividades com tanta seriedade e empenho. Não dá para dizer que a juventude é alienada não, e é muito importante que isso seja mostrado. O que a juventude está esperando é uma liderança em que eles possam acreditar, e é isso o que está faltando. Está faltando um nicho que empolgue a juventude a lutar. A juventude não é apática, ela está procurando uma liderança que possa levá-la à luta. Estamos aqui passando essas histórias para a juventude brasileira para que não baixem a cabeça. Isso é a continuação daquela luta dos companheiros que tombaram aqui, que tombaram em Trombas e Formoso, que tombaram no Araguaia por liberdade, por direito a trabalhar na terra. Estão aí os sem-terras continuando a luta.

Ser brasileiro é não baixar a cabeça. Não adianta nenhum brasileiro chiar e apontar o dedo dizendo que fulano fez isso ou aquilo. Eu quero que diga o que ele próprio faz para que tenhamos um mundo melhor. O que eu faço hoje é continuar a luta do Pai Chico e do José Porfírio; é continuar a luta daqueles companheiros que morreram na prisão. O que eu posso transmitir hoje é que nós não estamos na democracia, estamos apenas em uma abertura democrática que o povo brasileiro tem que consolidá-la; pois, se não consolidarmos voltaremos ao caos. Não voltaremos ao que era antes, pois não temos mais aquelas matas que tínhamos, não temos uma reserva moral de brasileiros que dão a vida; a luta hoje é para preparar a juventude para que arranquem essas raízes podres que estão nos Três Poderes, e que assumam o lugar deles.

Nossa luta hoje é a preparação dessa menina para que continuem nossa luta. Não com o sofrimento que tivemos, mas com mais inteligência do que nós tínhamos. Esse é o momento, pois na época em que estudávamos as escolas eram públicas, gratuitas e de qualidade; hoje temos apenas 15% de escolas públicas e com penduricalhos de pagamentos. Pagamos o

imposto dobrado, ou triplicado se comparado ao que pagávamos antes e não temos mais educação com a qualidade que tínhamos. Travamos uma luta pelo desenvolvimento com conhecimento.

Eu não tive condições de me formar, mas eu luto para que essas crianças possam se formar e para que não fiquem escravas do capital, como todos nós somos. Sequer tivemos consciência de nos organizarmos como consumidores. Hoje eu conclamo a todo o estudante, todo o acadêmico, todo professor, todo trabalhador a se organizarem como consumidores. A legislação de defesa dos direitos dos consumidores é um instrumento que o povo ainda não está organizado para usá-la. É chegada a hora de nos organizarmos para que possamos usá-la. Costumo brincar que a Guerrilha do Araguaia para mim nunca acabou, todo dia temos um leão para matar e ficam soltos mais dois para que possamos pegá-los.